

Qual é a forma ideal para uma boa cidade? Seis concepções de urbanismo *versus* seis dimensões de qualidade de vida em três cidades brasileiras

¿Cuál es la forma ideal para una buena ciudad? Seis concepciones de urbanismo versus seis dimensiones de la calidad de vida en tres ciudades brasileñas

Sessão temática: Espaço urbano e regional: análise, planejamento e projeto

RICARDO DOS SANTOS, Marcos; Mestrando; Universidade de Brasília
marcos.ricardo@aluno.unb.br

PEREIRA, Isabela; Mestranda; Universidade de Brasília
isabela.o.p@hotmail.com

Resumo

O artigo realiza uma investigação em torno da forma ideal para uma boa cidade a partir do estudo de cinco escolas do urbanismo – *Cidades-jardim*, *Modernismo*, *Novo Urbanismo*, *Cidade para as pessoas* e *Cidade de 15 minutos* – incluindo um conceito contemporâneo de habitação denominado *Clube de Morar*, relacionando-os a seis dimensões de qualidade de vida – sociabilidade, acesso à cultura, tranquilidade, diversidade, mobilidade e segurança. Para tornar tangível o estudo, buscaram-se exemplos da materialização de preceitos de cada uma dessas escolas em três cidades brasileiras: Curitiba, Belo Horizonte e Brasília. Como considerações finais, o artigo sugere que a cidade ideal do ponto de vista da população é a que oferece a maior variedade de escolha de formas urbanas, de modo que diferentes preferências por cada dimensão de qualidade de vida possam ser atendidas.

Palavras-chave: Escolas do Urbanismo, Novo Urbanismo, Cidade para as pessoas

Abstract

The article investigates around the ideal form for a good city from the study of five schools of urbanism – *Garden City Movement*, *Modernist Model*, *New Urbanism*, *City for People* and *15-Minute City* – including a contemporary concept of housing called *Living Club*, relating them to six dimensions of quality of life – sociability, access to culture, tranquility, diversity, mobility, and safety. To make the study tangible, examples of the materialization of precepts from each of these schools in three Brazilian cities are sought: Curitiba, Belo Horizonte, and Brasília. As final considerations, the article suggests that the ideal city from the population's point of view is the one that offers the greatest variety of choice of urban forms, so that different preferences for each dimension of quality of life can be met.

Keywords: Schools of Urbanism, New Urbanism, City for people



1. Introdução

Em *Sapiens, best-seller* que relata história da humanidade, de forma simplificada, para o público geral, Yuval Harari (2015) defende a ideia de que a espécie humana logrou dominar o planeta por conta da sua capacidade imaginativa única, capaz de elaborar e compartilhar coletivamente a crença em coisas que não existem na natureza (abstrações como estados, dinheiro ou direitos humanos, por exemplo) e porque o *Homo sapiens* é a única espécie capaz de uma cooperação flexível e em grande escala.

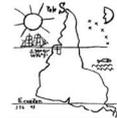
Desde a consolidação da teoria evolutiva como a explicação mais provável para a evolução humana, a ciência vem buscando relacionar explicações evolutivas, sejam elas biológicas ou mesmo sociais e culturais, para explicar o avanço e domínio da espécie humana no planeta. A primeira camada de explicação foca na competição entre espécies e entre indivíduos dentro de uma mesma espécie, sendo a vida em comunidade cooperativa uma estratégia para sobreviver e perpetuar seus genes (DAWKINS, 2007).

Uma segunda camada explicativa foca nas vantagens da cooperação entre indivíduos, mesmo entre desconhecidos, de acordo com o conceito de *altruismo recíproco*. Usando o mecanismo da teoria dos jogos, Trivers (1971) sugeriu que, se indivíduos não aparentados interagissem por um grande e indefinido período no tempo, o comportamento altruísta poderia ser evolutivamente selecionado se houvesse alta probabilidade de o receptor devolver no futuro ao doador inicial. Em outras palavras, uma mão lava a outra: em havendo perspectiva de indivíduos se encontrarem em mais de uma ocasião, ajudar o outro significa a perspectiva de ser ajudado no futuro.

Em *O Otimista Racional*, Matt Ridley (2014) defende que a cooperação entre indivíduos que não se conhecem, materializada principalmente pela divisão do trabalho e pelo comércio, é a força motriz do desenvolvimento da humanidade. O pesquisador britânico faz uma revisão histórica para demonstrar que, ao longo da história, onde o comércio floresceu, gerou-se riqueza e melhoria de vida para as pessoas. A troca permite com que os indivíduos acessem um maior número de bens diferentes, mesmo aqueles que, individualmente, não tenham habilidade, conhecimento ou condições de produzir.

Na Economia, esse fenômeno foi descrito por David Ricardo em 1817 com o conceito de *vantagem comparativa*. A possibilidade de troca facilita a especialização e, assim, permite um aumento de produtividade (RICARDO, 2004). O intercâmbio beneficia ambas as partes da transação, mesmo que nem sempre de forma igualitária para as partes, mas certamente vantajosa para ambas (caso contrário a transação não se concretiza).

A depender da demanda em relação aos bens e produtos, as trocas acontecem de qualquer forma, independentemente das distâncias. Não é à toa que o interesse pelo comércio foi o fator gerador das grandes viagens do passado, desde as expedições do explorador Marco Polo para seguir a rota da seda no Século XIII, passando pelas grandes navegações portuguesas em busca de especiarias da Índia no Século XV – independentemente das



intempéries ou dificuldades, a busca pela troca de produtos aproxima as pessoas, as comunidades e as sociedades.

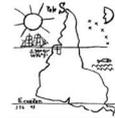
Para quem quer trocar, estar próximo facilita o processo. Essa é uma das razões para que as pessoas tendam a se aglomerar em cidades. Qualquer pequeno agricultor buscará vender o excedente de sua produção a fim de trocar por outros bens e melhorar sua condição de vida – ou, como preferem os economistas, sua utilidade. É na cidade que cada indivíduo tem a melhor perspectiva de concretizar as trocas que lhe convém. Quanto mais gente próxima, maior a possibilidade de haver especialização, maior será a produtividade e maiores serão as chances de prosperidade. É na cidade que a cooperação se materializa.

Quanto maior a concentração populacional e a especialização de atividades, haverá mais condições de se observar a diversificação de atividades econômicas, uma vez que as necessidades mais básicas da sociedade como um todo (alimentação, vestuário, moradia etc.) podem ser providas por alguns integrantes da sociedade para atender aos demais, permitindo que outros se dediquem a outras atividades, tidas como menos essenciais. É assim que, por exemplo, atividades culturais podem mais facilmente florescer em populações maiores.

A aglomeração das pessoas em cidades é um processo incremental, que ocorre de acordo com a aproximação por interesse mútuo entre os indivíduos, seguindo também as tendências de complexificação das atividades econômicas, considerando ainda contingências e choques externos (guerras, inflexões autoritárias, emergências, desastres naturais etc.). A urbanização é um processo que muitas vezes ocorre de forma não planejada, refletindo um processo espontâneo de amadurecimento de atividades econômicas, de uma forma que a Ciência Política classificaria como um fenômeno *bottom-up*. Há casos, porém, que esse processo é *top-down*: parte de um desejo, materializado por uma ação concreta de criação de uma aglomeração urbana, que, nesse caso, pode ser denominada de cidade nova (TREVISAN, 2020).

Em que pese um interesse coletivo comum, esse processo de aglomeração humana não é trivial, tampouco imune a conflitos. Se a macroanálise do processo de urbanização tende a ser positiva, não se pode ignorar que, nas microdimensões, são pessoas que estão se movimentando, frequentemente em situações não ideais, com dificuldades, interesses distintos e históricos idiossincráticos. Não raramente, pessoas diferentes disputarão um mesmo espaço.

As sociedades contemporâneas instituíram o estado como instância principal de coordenação da sociedade, servindo como instituição que pretende balancear, equilibrar e, dentro do possível, harmonizar diferentes expectativas de diferentes agentes. Considerando que há interesses distintos, valores distintos, prioridades distintas e capacidades de ação distintas entre os diversos atores, uma sociedade poderá ser mais próspera na medida em que conseguir conciliar essas diferenças, na mais justa e equilibrada forma possível, dentro das possibilidades reais.



Como a maior parte das relações diretas entre as pessoas ocorre no espaço, é a cidade o lócus principal onde se põem à prova as dicotomias entre as conciliações e os conflitos, entre os desejos de uns e os desejos de outros, entre as liberdades e as responsabilidades. As cidades incorporam essas dicotomias de forma intensa.

Há, por um lado, nas cidades, uma força motriz da ordem espontânea, às vezes caótica, às vezes surpreendentemente equilibrada, trazendo inovações, ideias, descobertas, crescimento. Por outro lado, as instâncias de planejamento, controle e indução podem, em algumas circunstâncias, dar racionalidade aos movimentos existentes, por vezes reestabelecendo equilíbrios necessários. Ainda que os instrumentos de planejamento, por seu caráter burocrático-institucional, sejam, comumente, anacrônicos em relação aos desafios que surgem desavisadamente, eles podem contribuir na busca incessante, por vezes inglória, pelo equilíbrio possível em uma sociedade.

2. Cinco escolas de urbanismo (e um conceito) versus seis dimensões de qualidade de vida

Ao longo do tempo, diferentes visões de arquitetura e urbanismo tentaram sistematizar o que seria uma boa cidade – mais funcional, agradável, gentil e diversa – a partir de diferentes visões de mundo, mas com o intuito de materializar, no mundo real, uma cidade ideal. Cinco escolas de urbanismo foram fundamentais para estabelecer as diretrizes e regras que orientaram a divisão dos espaços e o uso do solo e moldaram as cidades, consideradas neste trabalho: *Cidades-jardim*, *Modernismo*, *Novo Urbanismo*, *Cidade para as pessoas* e *Cidade de 15 minutos*. Além dessas, inclui-se, a título de exercício comparativo, uma nova concepção habitacional, ainda não historicamente conceituada, a qual denominamos “Clube de morar”, a ser detalhada na sequência.

Para cada uma dessas visões de mundo, são analisados aspectos positivos e negativos considerando as seguintes dimensões: sociabilidade, acesso à cultura, tranquilidade, diversidade, mobilidade e segurança. Como eixo transversal de análise, cada uma dessas dimensões é analisada sob a perspectiva da valorização dos espaços públicos como lócus preferencial de convivência nas cidades. O cruzamento dessas seis visões urbanísticas em relação a cada uma das dimensões analisadas compõe uma matriz qualitativa a fim de contribuir para a resposta à pergunta de qual seria a cidade ideal, do ponto de vista das pessoas, para se observar como referência para o planejamento urbano.

De acordo com um recorte didático realizado pelo Movimento Somos Cidades, são cinco as principais concepções de urbanismo que mais fortemente influenciam as cidades contemporâneas. A primeira, concebida Howard em 1898, traz o conceito de *cidades-jardim*. A proposta da cidade-jardim é constituída por distritos residenciais autônomos, igualitários, com forte presença de senso comunitário e separação das zonas residenciais das áreas comerciais e industriais. A ideia era tentar combinar a tranquilidade da vida no campo com a facilidade da vida urbana pós-revolução industrial. O desenho inicial de Howard previu



distritos residenciais, estruturados em círculos, separados por áreas verdes e ligados por um sistema de vias a uma área central comum, com prédios públicos, equipamentos culturais e de saúde, comércio e serviços (SOMOS CIDADE, 2022).

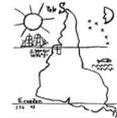
A partir da década de 1930, ganhou força e influência entre os planejadores urbanos os conceitos da escola denominada de *modernismo*, movimento que valorizou a estética do minimalismo, a funcionalidade da cidade, a ordem das formas e o zoneamento urbano por funções. Os princípios desse movimento, que teve seu apogeu entre os anos 1930 e 1960, foram reunidos em um documento denominado na *Carta de Atenas*, divulgada em 1933, no Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM). Um dos expoentes dessa escola foi o arquiteto e urbanista que ficou conhecido pelo pseudônimo Le Corbusier.

Em 1924, Le Corbusier apresentou sua *Cidade Radiante (La Ville Radieuse)*. A nova cidade – idealizada, mas nunca construída – conteria arranha-céus idênticos, distribuídos por vastas áreas verdes e organizados em uma grade cartesiana, permitindo que a cidade funcionasse como uma “máquina viva”. No cerne do plano de Le Corbusier estava a noção de zoneamento: a divisão estrita da cidade em áreas segregadas comerciais, de lazer e residenciais. A área de negócios estaria localizada no centro, composta por mega-arranha-céus monolíticos, com 200 metros de altura e capacidade para cinco a oito mil pessoas. No centro deste distrito cívico haveria a principal plataforma de transporte, a partir da qual um sistema subterrâneo de trens transportaria cidadãos para os distritos de habitação do entorno (SOMOS CIDADE, 2022).

Em termos de arquitetura, o olhar do modernismo prefere formas básicas, sem ornamentos, e composições assimétricas, além do uso racional de materiais como concreto aparente, aço e vidro e a inovação estrutural. No Brasil, vários preceitos do modernismo, nos campos da arquitetura e do urbanismo, foram materializados com a construção de Brasília, inaugurada em 1960, cidade considerada como a maior expoente dessa escola de urbanismo no país.

A força do modernismo foi tão dominante na segunda metade do Século XX, influenciando cidades mundo afora, que acabou se tornando também a referência principal de antagonismo para vários movimentos contemporâneos que, de alguma maneira, buscam se opor e superar os preceitos modernistas. Entre eles se destacam os movimentos chamados *Novo Urbanismo*, *Cidades para as pessoas* e *Cidade de 15 minutos*.

A principal referência conceitual para as críticas ao modernismo, embasando os movimentos que viriam a seguir, está calcada no trabalho de Jane Jacobs, autora de *Morte e vida de grandes cidades*, de 1961, considerada uma das obras magnas do urbanismo. Sem formação em arquitetura ou urbanismo, Jacobs convidou os leitores para fazer uma reflexão simples: olhar a cidade à sua volta. Com inúmeros exemplos práticos, observando as cidades americanas, Jacobs apresenta elementos analíticos e alinha conjuntos de pensamentos que se tornaram chave para a compressão da vida em cidades.



Um elemento fundamental nessa análise é a questão da segurança. Para Jacobs, em vez de tentar se fechar cada vez mais em seus próprios mundos, tentando proteger-se do resto da sociedade, as pessoas deveriam, ao contrário, se abrir para as outras pessoas. Em lugar de muros e fachadas cegas, quando as portas e janelas dos edifícios privados se voltam e se abrem para a rua, dialogando com o espaço público, amplia-se a sensação de segurança por conta dos “olhos da rua”. Para a autora, os olhos da rua são as pessoas que, consciente ou inconscientemente, utilizam o espaço público e/ou costumam contemplá-los de suas casas, exercendo uma vigilância natural sobre o que ali acontece.

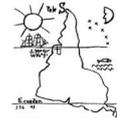
Jacobs ressalta a importância do conceito de diversidade como elemento de prosperidade nas cidades. “Onde quer que vejamos um distrito com um comércio exuberantemente variado e abundante, descobriremos ainda que ele também possui muitos outros tipos de diversidade, como variedade de opções culturais, variedade de panoramas e grande variedade na população e nos frequentadores. É mais do que uma coincidência” (JACOBS, 2000, p. 106).

Ela aponta quatro condições como indispensáveis para se gerar uma diversidade exuberante nas ruas (JACOBS, 2000):

1. O distrito deve atender a mais de uma função principal; de preferência, a mais de duas: pessoas em horários diferentes e em lugares por motivos diferentes.
2. As quadras devem ser curtas; ou seja, as ruas e as oportunidades de virar esquinas devem ser frequentes.
3. O distrito deve ter uma combinação de edifícios com idades e estados de conservação variados, de modo a gerar rendimento econômico variado. Essa mistura deve ser bem compacta.
4. Deve haver densidade suficientemente alta de pessoas, sejam quais forem seus propósitos (inclusive morar lá).

A obrigatoriedade dessas quatro condições é, segundo ela própria, o ponto mais importante de seu livro. Jacobs utiliza uma expressão que resume o seu pensamento: o “balé das ruas”. Esse balé significa que várias pessoas, com os mais diversos propósitos, saem às ruas em horários diversificados, para as mais diferentes atividades. Essas atividades interagem entre si e de alguma forma acabam se complementando, formando uma teia de interação social e de cuidados mútuos (SABOIA, 2010). As ideias de Jane Jacobs se tornaram uma das principais fontes de inspiração dos movimentos que apresentaram como contraponto ao modernismo.

Um desses movimentos é denominado *Novo Urbanismo*. Publicada em 1996, a Carta do Novo Urbanismo é o documento de referência do Congresso do Novo Urbanismo, formado por profissionais que se reuniram em torno de uma visão que buscava um retorno aos princípios que norteavam as localidades e vilas erguidas nos séculos anteriores, com habitações e comércio próximos, espaços públicos qualificados e acessíveis, vias e quarteirões atrativos e caminháveis. O Novo Urbanismo tem a intenção de: “organizar sistemas regionais articulando áreas urbanizadas centrais com as cidades menores em



setores bem delimitados do território, evitando a ocupação dispersa; valorizar a acessibilidade por transportes coletivos; favorecer a superposição de uso do solo como forma de reduzir percursos e criar comunidades compactas; estimular o processo de participação comunitária, e retomar os tipos do urbanismo tradicional relativos ao arranjo das quadras e da arquitetura” (MACEDO, 2007, p. 1).

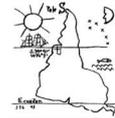
Por sua vez, o movimento *Cidades para as pessoas* tem como principal referência o arquiteto e urbanista dinamarquês Jan Gehl, que defende a adoção de um planejamento urbano que tenha as pessoas em seu centro, que resulte em lugares ao nível dos olhos. O escritório de Gehl se notabilizou globalmente e passou a ser contratado por diversos municípios, em diferentes países, para analisar as razões pelas quais determinadas zonas urbanas são mais ou menos eficazes em atrair pessoas. Em seu livro *Cidade para pessoas*, Gehl (2013) reforça que a paisagem urbana precisa ser pensada para ser vivenciada pelos cinco sentidos humanos, experimentada na velocidade de um passeio a pé – e não de automóvel, ônibus ou trem. Crítico de cidades ordenadas e com as funções separadas, o arquiteto prioriza em seus complexos o desenvolvimento de bairros de alta densidade, uso misto, habitáveis, sociáveis, sustentáveis e adaptáveis (SOMOS CIDADE, 2022).

Nos últimos anos, ganha força também o movimento *Cidade de 15 minutos*, conceito colocado em evidência especialmente pela prefeitura de Paris, tendo como principal referência o arquiteto franco-colombiano Carlos Moreno, autor do livro *Direito da cidade, da cidade-mundo à cidade do quarto de hora*. Essa abordagem urbanística prevê o desenvolvimento de locais onde as pessoas encontrem tudo o que precisam para o seu dia a dia a uma distância de até 15 minutos a pé de suas moradias. A proposta é buscar reaproximar as habitações do trabalho, do lazer e do comércio, evitando longos trajetos e a perda de tempo em deslocamentos (SOMOS CIDADE, 2022).

Essas concepções contemporâneas do urbanismo partem do princípio comum de valorizar a vida pública. Um pesquisador do urbanismo que se dedicou a tentar compreender por que alguns locais da cidade eram bem-sucedidos e outros não, em termos de facilitar a existência de vida pública, foi William Whyte, autor de *The Social Life of Small Urban Spaces*, de 1980. Ele é um dos fundadores do *Project for Public Spaces*, uma organização sem fins lucrativos que lida com planejamento, projeto, pesquisa e educação vinculados aos espaços públicos (TENÓRIO, 2012).

Whyte era um pesquisador minucioso. Para entender os elementos que atraem pessoas a lugares, realizou contagens detalhadas, observações de elementos físicos, de composição de lugares, do ambiente de entorno. Em seu trabalho não há uma única afirmação que não esteja baseada em exaustiva observação e tratamento crítico dos dados observados (TENÓRIO, 2012).

Entre suas observações, algumas conclusões são bastante simples e até intuitivas: as pessoas permanecem em lugares onde há possibilidade de se sentar; preferem espaços menores e delimitados; quando em espaços maiores, preferem as áreas de canto; buscam lugares em que há atividades acontecendo, onde há comida e que sejam acessíveis e



conectados física e visualmente com o seu redor. “A sensibilidade de seu trabalho está em identificar, no comportamento individual das pessoas nos espaços públicos, padrões que possam ser extrapolados para a coletividade. Preferências quando a locais de espera, formas de encontros e despedidas ou atitudes que representam o sentimento de pertencer a um lugar são informações valiosas para que se possa desenhar espaços confortáveis e favoráveis à apropriação pelas pessoas e ao seu funcionamento” (TENÓRIO, 2012, p. 68).

Analisando as contribuições apresentadas por Jane Jacobs, William Whyte, Jan Gehl e pelo Congresso do Novo Urbanismo, bem como pelos trabalhos de Christopher Alexander, Allan Jacobs, Donald Appleyard e Frederico de Hollanda, no que se referem a aspectos relacionados a sujeitos, atividades, atributos globais e atributos locais dos espaços públicos, Gabriela Tenório (2012) conclui que um espaço público é bem sucedido quanto à vida pública quando ele, invariavelmente, tem: i) gente, ii) gente variada e iii) gente sempre.

A busca por uma vida pública vibrante nas cidades parece ser o principal elemento considerado pelas escolas contemporâneas do urbanismo. Mas essa preferência não é unânime. Nos dias de hoje, em lugar de buscar viver em um ambiente aberto, diverso e próximo a outras pessoas, muitas famílias optam por um caminho oposto: encastelar-se em ambientes isolados, próximas a seus iguais, apenas com o mínimo contato necessário com a sociedade a sua volta. Escolhem viver em condomínios fechados, de casas ou edifícios, protegidos por muros e com cada vez mais serviços e opções de lazer dentro de suas próprias áreas de residência. É o conceito do *clube de morar* – termo aqui proposto –, onde as pessoas passam a maior parte de seu tempo de descanso e de lazer (e às vezes também de trabalho, fenômeno acentuado após o crescimento do *home office* com a pandemia do Covid-19).

3. Coexistência de conceitos urbanísticos em três capitais brasileiras

A fim de tentar tornar tangíveis os conceitos das principais escolas de urbanismo, considerando os aspectos positivos e negativos no que se refere às dimensões de sociabilidade, acesso à cultura, tranquilidade, diversidade, mobilidade e segurança – e seguindo o conselho de Jane Jacobs de olhar ao redor – neste artigo procuramos observar cada um desses aspectos, em cada uma dessas escolas, com exemplos nas cidades em que já moramos no Brasil: Curitiba, Belo Horizonte e Brasília.

A combinação dessas cidades parece interessante por suas origens distintas: Curitiba, fundada em 1693, a partir de uma urbanização espontânea; Belo Horizonte, planejada e criada em 1897, mas que rapidamente se expandiu, de forma espontânea, para além dos limites da cidade planejada; e Brasília, inaugurada em 1960, cuja área central permanece próxima ao plano original, devido ao tombamento da cidade. Um olhar sobre essas três cidades poderá perpassar pelos preceitos das cinco escolas citadas, além do conceito de *clube de morar*, incluído na análise.



Sob influência da cidade-jardim, podemos considerar as casas do bairro Santo Inácio em Curitiba, do bairro Mangabeiras em Belo Horizonte e do Lago Norte em Brasília. A busca por uma área predominantemente residencial, com tranquilidade, muita área verde, ruas sem saída e sem uma conexão muito direta com o resto da cidade marcam essas regiões, ainda que o caráter comunitário tenha se perdido ao longo do tempo (ou mesmo nunca considerado).

A influência do modernismo se observa mais claramente em Brasília, em quase todo o Plano Piloto, com separação de funções em cada área da cidade, quadras desenhadas, edifícios abertos, padronizados e desalinhados em relação às vias. Em Curitiba, há traços de modernismo no bairro Centro Cívico, assim como na Cidade Administrativa de Belo Horizonte.

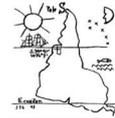
Os conceitos de Novo urbanismo, Cidade para Pessoas e Cidade de 15 minutos podem ser agrupados e exemplificados com as áreas dos cinco eixos de adensamento de Curitiba (Cabral/Santa Cândida, Champagnat, Água Verde/Portão, Hauer/Boqueirão e Jardim Botânico), áreas adensadas, com preferência ao transporte coletivo e funções combinadas de uso residencial, comercial e de lazer. Em Belo Horizonte, a região da Savassi é um exemplo de destaque. Em Brasília, a região de Águas Claras parece ser o melhor exemplar desses movimentos, ainda que falhe na questão fundamental da preferência ao pedestre.

Como exemplares do clube de morar, o bairro Ecoville é o exemplo mais proeminente em Curitiba. Em Belo Horizonte, os condomínios de edifícios se concentram no bairro Vila da Serra e os de casas na região metropolitana como em Nova Lima. Em Brasília, o conceito pode ser exemplificado pelos condomínios de edifícios do Park Sul e de casas no Park Way.

A partir desses exemplos, embora não típicos e nem sempre atendendo a todos os quesitos, pode-se ponderar os aspectos positivos e negativos de cada uma das dimensões analisadas: sociabilidade, acesso à cultura, tranquilidade, diversidade, mobilidade e segurança.

4. Análise das dimensões de qualidade de vida

Em termos de sociabilidade, a ideia de cidade-jardim previa a existência de um senso comunitário entre os moradores de um mesmo distrito, inclusive com uma espécie de comuna, sem uma delimitação clara da propriedade privada de cada família. Era uma sociabilidade entre iguais, sem necessariamente uma relação mais ampla com o restante da sociedade. No modernismo, a separação de funções entre as áreas da cidade diminui os incentivos à socialização espontânea, embora estejam previstos espaços de socialização como os clubes de vizinhança no Plano Piloto de Brasília. Os conceitos de Novo urbanismo, Cidade para Pessoas e Cidade de 15 minutos buscam incentivar os encontros fortuitos, inclusive o encontro entre desconhecidos nos espaços públicos. No clube de morar, o conceito de socialização se limita aos iguais, que compartilham o mesmo condomínio. Em Brasília a sociabilização parece ocorrer menos na rua e mais em lugares (bares e



restaurantes, eventos, equipamentos culturais, parques). Em Belo Horizonte, parece ser mais comum o encontro na rua, entre conhecidos e desconhecidos. Em Curitiba, os encontros costumam ser menos frequentes – talvez por uma questão cultural que vai além dos arranjos da cidade.

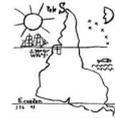
Em relação ao acesso à cultura, a escola da Cidade de 15 minutos é a que mais destaca a importância de se ter equipamentos de cultura disponíveis e próximos. Nesse aspecto, as três cidades brasileiras que observamos acabam por concentrar suas ofertas culturais em suas regiões centrais – o que pode contribuir para a exclusão de parte da população aos bens culturais.

O aspecto de tranquilidade é prioridade nos conceitos de cidade-jardim, do clube de morar e do modernismo, sendo que neste último a solução é ainda mais bem-sucedida por conseguir manter a tranquilidade em áreas centrais. Para as escolas que privilegiam uma vida pública mais vibrante, a tranquilidade é um bem secundário. Em Brasília, viver no Plano Piloto é viver em uma área central, mas com muita tranquilidade. Em Curitiba, há também diversas áreas residenciais tranquilas e próximas, fora dos eixos principais da cidade. Em Belo Horizonte, uma cidade em geral mais densa, as áreas mais centrais são via de regra menos tranquilas ou silenciosas.

A situação é justamente oposta quando se trata de diversidade. Defendida como valor fundamental para as três escolas que privilegiam a vida pública vibrante, a importância da diversidade é minorada no modernismo e mais ainda nas cidades-jardim ou no clube de morar. A segmentação espacial em Brasília não contribui para a diversidade nas ruas. Em Curitiba se costuma ver mais gente diversa nas ruas, especialmente nas áreas centrais e dos eixos, e em Belo Horizonte ainda mais.

Em termos de mobilidade, a cidade-jardim, o clube de morar e o modernismo, por conta da baixa densidade, acabam por privilegiar o transporte por carro em detrimento do transporte coletivo, sem tampouco muito espaço para os deslocamentos a pé ou de bicicleta. Para as demais escolas, a questão da mobilidade é fundamental, buscando ajustar os espaços para as pessoas – e não para os carros. Nesse sentido, Belo Horizonte e Curitiba parecem ter elaborado soluções melhores, onde se caminha bastante e se usa mais o transporte coletivo.

Finalmente, o tema mais delicado e controverso entre essas dimensões parece ser o da segurança. Nas cidades-jardim a segurança não parecia ser uma questão, nem tampouco no modernismo, com espaços abertos, mas muitas vezes vazios. No clube de morar, a preocupação com a segurança é central: os muros e as grades tentam resolver o problema de segurança nas áreas internas, mas acabam pecando justamente na permeabilidade com o resto da sociedade – os muros tornam o entorno ermo e inseguro, criando riscos nas chegadas e saídas das pessoas a suas residências. Por sua vez, as escolas que privilegiam a vida pública vibrante buscam no conceito dos “olhos da rua”, com gente passando o tempo todo em todos os lugares, para criar um clima de maior confiança e maior segurança. Isso parece funcionar em tese. Mas, na prática, é muito difícil manter movimento em todos os



lugares, em todos os horários – não há atividade comercial e de serviços que chegue para tanta gente. Na prática, curiosamente, o Plano Piloto de Brasília parece ser a cidade com maior segurança, Curitiba em posição intermediária e Belo Horizonte a mais insegura entre as três. Quiçá o tema da segurança tenha menos a ver com o desenho da cidade e mais com questões sociais, culturais e institucionais do país.

5. Considerações finais

Considerando as diretrizes propostas por essas escolas, observando aspectos positivos e negativos em relação a cada dimensão analisada, a única conclusão possível a se chegar é que uma cidade melhor, do ponto de vista da população, é a que oferece um maior número de possibilidades de escolha para as pessoas. Cada indivíduo, cada família, cada grupo de pessoas terá suas preferências, privilegiará alguns aspectos em detrimento de outros, fará suas escolhas da melhor forma que lhe convier, dentro das possibilidades reais. Construir espaços diversos, ampliando as possibilidades de escolha para o maior número de pessoas possível, parece ser a forma mais factível de atender ao interesse coletivo, considerando a percepção e os interesses distintos da população.

Referências

- DAWKINS, R. **O gene egoísta**, 1976. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HARARI, Y. N. **Sapiens: uma breve história da humanidade**, 2014. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- GEHL, J. **Cidade para pessoas**, 2010. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- JACOBS, J. **Morte e vida das grandes cidades**, 1961. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MACEDO, A. C. **A Carta do Novo Urbanismo norte-americano**, 7 mar. 2007. Vitruvius. Arqtextos, 082.03, ano 07, mar. 2007. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/07.082/262>>. Acesso em: 3 mai. 2022.
- RICARDO, D. **The Principles of Political Economy and Taxation**, 1817. Mineola: Dover Publications, 2004.
- RIDLEY, M. **O otimista racional**, 2010. São Paulo: Record, 2014.
- SABOIA, R. **Segurança nas cidades: Jane Jacobs e os olhos da rua**, 10 fev. 2010. Disponível em: <<https://urbanidades.arq.br/2010/02/10/seguranca-nas-cidades-jane-jacobs-e-os-olhos-da-rua/>>. Acesso em: 3 mai. 2022.
- SOMOS CIDADE. **A cidade ideal na concepção de cinco escolas de urbanismo**, 30 abr. 2022. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/979945/a-cidade-ideal-na-concepcao-de-cinco-escolas-de-urbanismo>>. Acesso em: 3 mai. 2022.



TENÓRIO, G. S. **Ao desocupado em cima da ponte. Brasília, arquitetura e vida pública**, Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade de Brasília, 2012.

TREVISAN, R. **Cidades Novas**, 2020. Brasília: Editora UnB, 2020.

TRIVERS, R. **The evolution of reciprocal altruism**, 1971. *The Quarterly Review of Biology*. v. 46, nº 1 (Mar 1971). p. 35-57.